

Dívida em dólar desafia novo BC

Ex-presidente do BankBoston, Meirelles assumirá com missão prioritária de melhorar o perfil do endividamento do país

BRASÍLIA E RIO – O futuro presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, assumirá o cargo com missões nada fáceis. Confirmado ontem pelo presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, o deputado federal tucano, ex-presidente mundial do BankBoston e campeão de votos em Goiás, já havia revelado, em entrevista ao **Jornal do Brasil**, no último dia 24, que um dos principais desafios para o futuro ocupante do cargo está na redução da dívida pública atrelada ao dólar e aos ju-

ros.

Hoje, 36% dos títulos da dívida são remunerados pelo câmbio. Outra parcela significativa, de 54%, está atrelada à taxa básica (Selic, de 22% ao ano). A fatia que oscila ao sabor da moeda americana revelou-se um dilema, em tempos de aversão ao risco: atraiu os investidores mas, como efeito colateral, aumentou a dívida pública, sem que houvesse qualquer controle sobre

a variação futura do dólar. Algo como pilotar no escuro. No ano, com a alta do dólar e dos juros, a dívida cresceu US\$ 181 bilhões.

A dívida pública tem 90% de seus papéis atrelados a dólar e juros

Aos 57 anos, o sucessor de Arminio Fraga é engenheiro e economista, com quase 30 anos de experiência no mercado e bom trânsito entre as instituições financeiras internacionais. O PT aposta que, com o executivo, o país retomará não só a interlocução com parceiros inter-

nacionais, mas também as linhas externas perdidas nos últimos meses com a crise cambial.

Nas eleições, Meirelles obteve mais de 180 mil votos. Ao anunciar a nomeação, Lula pediu desculpas, mas disse que precisa do ex-banqueiro para missões importantes.

– Quanto menos eu falar, mais o dólar cai – brincou o presidente eleito, antes de confirmar Antônio Palocci como ministro da Fazenda.

– Estou voltando ao meu ha-

bitat natural, que é o mercado financeiro. Vou dar o melhor de mim para que possamos fazer o Brasil crescer, porque a finalidade principal de qualquer política econômica é o crescimento – disse Meirelles.

O futuro presidente do BC preferiu a cautela durante seu primeiro pronunciamento. Recusou-se a falar de questões pontuais como câmbio, metas de inflação e taxa de juros, antes de ser sabatinado pelo Senado. Sem se aprofundar em nenhum tema, no entanto, deu

pistas de como avalia a situação econômica. Segundo ele, o cenário não é dos piores, os fundamentos são sólidos e há condições para o país crescer.

O futuro presidente do BC sugeriu, no entanto, que pode recorrer a pessoas com quem já tenha trabalhado.

– Na minha história de administração acredito naquilo que chamo de foco no resultado. O BC é o guardião da moeda e, portanto, tem responsabilidade de manter a inflação baixa e viabilizar o desenvolvimento.